

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Abril 1990





G. STÉVENY

Especial Oferta Rádio O SAL DA TERRA

Desde a mais alta antiguidade, o sal representou sempre, na vida dos homens, um papel insubstituível. Que seria das nossas refeições, sem sal? O sal dá gosto aos alimentos. É a sua função mais corrente. «Ou comer-se-á sem sal o que é insípido?» perguntou Job a Elifaz. (Job 6:6.) Sem sal, a clara do ovo, como aliás a maior parte dos alimentos, não tem gosto.

«Vós sois o sal da terra», diz-nos Jesus. (Mat. 5:13.) O que supõe que um verdadeiro cristão dá gosto à vida. A sua presença faz bem. Graças a ele, não somente a luz brilha um pouco, mas a alegria que ele possui irradia à sua volta. Um cristão triste é um triste cristão.

Outra preciosa propriedade do sal é conservar. É graças ao sal que se prolonga a duração do peixe, dos legumes, etc. É sem dúvida por esta razão que o sal se tornou um símbolo de aliança. «Toda a oferta dos teus manjares salgarás com sal; e não deixarás faltar à tua oferta de manjares o sal do concerto do teu Deus» (Lev. 2:13). Não basta, como cristãos, que se dê gosto à vida. Tem de se fazê-la durar... até à eternidade. Se Jesus «trouxer à luz a vida e a incorrupção [imortalidade] pelo evangelho» (II Tim. 1:10), este evangelho tem pois que ser levado a todo o mundo.

Notemos que o sal tem ainda uma função purificadora. Antigamente, quando uma criança nascia, o seu umbigo era esfregado com sal (Ezeq. 16:4). O sal é um agente anti-séptico. Ainda hoje se fazem gargarejos com água salgada quando nos doi a garganta.

Neste sentido, é relativamente fácil imaginar todo o simbolismo do sal na missão do cristão. Nós somos chamados a participar activamente na cura do mundo.

O contexto em que no evangelho de Lucas aparece a declaração sobre o sal é particularmente interessante: Luc. 14:25-35. No texto original o versículo 34 está ligado a tudo o que o precede pela pequena palavra «pois». «O sal, pois, é bom; mas, se o sal perder o seu sabor, com que se adubará? [temperará]» A palavra «pois» revela que a declaração sobre o sal aparece como conclusão da passagem.

Ora, examinando o texto mais de perto, descobre-se que o versículo 35 depende dos dois precedentes, os quais, por sua vez, dependem dos versículos 28 a 30, e que estes explicam os versículos 26 e 27. Quer dizer, encontramos-nos diante de um raciocínio em cadeia a partir da afirmação fundamental dos versículos 26 e 27: não se pode ser discípulo de Jesus sem aceitar colocá-lo em primeiro lugar. Toda a nossa vida depende d'Ele e esta vida não está ao abrigo das provações. Sabê-lo é importante para evitar desanimar face às dificuldades.

Para esclarecer este ponto, Jesus faz comparações. Seguir a Jesus sem estar disposto a pagar o preço seria tão irrazoável como começar a construir uma casa sem ter com que comprá-la. Tão insensato como começar uma guerra sabendo que se não tem qualquer possibilidade de ganhá-la.

Nesta óptica (v. 33), seguir a Jesus sem renúncia é uma

ilusão. Porque o sal é bom se não perder o seu sabor. «Vós sois o sal da terra.»

Para dar gosto à vida e fazê-la durar até à eternidade ao abrigo das contaminações, é importante saber dar-se sem contrapartida. Condição *sin qua non*. Não há meia medida. Não se trata de seguir de longe... É ir até ao fim!

Prezados leitores, queridos irmãos e irmãs, vós sois o sal e nós precisamos de vós. Na *Revista Adventista* já apareceram alguns artigos sobre a Estratégia Global, enviados pela Divisão Euro-Africana. Estão em curso planos para organizar sistematicamente a pregação do Evangelho a todo o mundo. (Mat. 24:14.) Ora, um dos meios privilegiados para tal objectivo é a rádio, e não o podemos negligenciar. Regressei há dias de uma visita a um país onde a evangelização é rigorosamente proibida. Todavia, também lá, a sede de verdade é grande. Se não podemos forçar as portas, nada pode deter as ondas da rádio.

Todos sabem já que está em estudo a construção de uma potente estação de rádio. Pensamos instalá-la na Itália, na Costa Adriática. Por ocasião da sessão mundial da Igreja Adventista, que terá lugar em Indianópolis, de 5 a 14 de Julho próximo, será pedido a todos os nossos membros um sacrifício especial. Serão levantadas duas ofertas, uma a 10 de Março e outra a 19 de Maio. Contamos convosco, e desde já vos agradecemos, porque vós sois o sal da terra. «Se o sal perder o seu sabor, com que se há-de temperar?»

Georges Stéveny é Secretário da Divisão Euro-Africana.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril de 1990
Ano L • N.º 518

DIRECTOR:
J. Morgado

REDACTORA:
M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 750\$00
Número Avulso 75\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 O Sal da Terra
Por G. Stéveny
- 3 Televisão e Rádio
Por J. Morgado
- 4 Revolução e Despertamento na Europa de Leste
Por E. Ludescher
- 6 Os Teus Pés Senhor!
Por Daniel Pereira Cordeiro
- 8 O Problema Ontológico da Tentação de Jesus
Por Ilídio Nascimento Carvalho
- 9 Escavação Arqueológica em Jerusalém
Por Paulo Bork
- 11 A Igreja: Relações internas e comunicação
Por José Carlos Costa
- 12 Dia Mundial do Não-Fumador
Por Luis Nunes
- 13 Estratégia Global
Por Ulrich Frikart
- 14 Conferência Geral 1990: Contagem Regressiva
Pelo Departamento de Comunicações da Conferência Geral
- 16 Notícias do Campo
- 19 Reunião da Comissão de Estudo sobre a consagração de Senhoras ao Ministério Pastoral da Igreja Adventista
J. Mager

Televisão e Rádio

Têm os meios de comunicação social falado muito da atribuição de um canal de TV à Igreja Católica. Alguns dos nossos irmãos têm perguntado qual a nossa posição.

Devemos começar por lembrar que o projecto-Lei apresentado pelo Governo contempla não só a Igreja Católica, mas também as outras Igrejas. Isto é importante e está de acordo com a Constituição que diz, no art.º 4.º, alínea 4, «... bem como a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas actividades.»

O texto da proposta governamental diz:

«Art.º 9.º Confissões religiosas.

«1. O regulamento a que se refere o art.º anterior poderá fixar num dos novos canais a licenciar um período de emissão especial destinado à Igreja Católica e demais confissões religiosas a atribuir nos termos do número seguinte.

«2. Para efeito do número anterior o regulamento do concurso estabelecerá a duração do período de emissão a atribuir e os critérios de selecção a observar de acordo com os seguintes princípios:

«a) Melhor identificação do concorrente com os valores históricos, culturais, espirituais e morais da sociedade portuguesa.

«b) Maior representatividade do concorrente na comunidade nacional.

«c) Manifesta capacidade do concorrente para satisfazer os interesses do público.»

Creio que a Constituição e a proposta governamental apontam para a divulgação da mensagem das Igrejas através dos órgãos de comunicação social, tanto a TV, como a Rádio, jornais, etc.

Aquilo que a Igreja Católica tem pretendido com a sua Rádio é usá-la como meio de produção de recursos financeiros, pois é bem diminuto o tempo de emissão religiosa. Aquilo que se pretende com a televisão é precisamente a mesma coisa. Alguns alvitram mesmo que a Igreja Católica concorra como qualquer outra empresa, o que nos parece fora do espírito da Lei básica.

Convém lembrar, por outro lado, que neste momento as Igrejas já desfrutam de privilégios que lhes permitem ver cobertas muitas das suas actividades. As Igrejas Evangélicas têm mesmo um programa regular apresentado cada semana, ao domingo, o que também já é de louvar.

Assim, cremos que qualquer privilégio especial dado à Igreja Católica é de criticar, mas dever-se-ia respeitar o conteúdo da proposta governamental. Do mesmo modo,

o uso desse meio como produtor de receitas parece-nos pouco correcto.

Há elementos dentro da própria Igreja Católica que contestam o processo de atribuição do canal de TV nas condições que estão agora a ser discutidas com o Governo.

Todavia, penso que a discussão deste assunto deveria ir mais longe e verificar aquilo que se pratica com a Rádio. A Igreja Católica possui uma estação comercial que se chama Rádio Renascença, usa as rádios oficiais na transmissão de cerimónias, palestras, etc. As Igrejas Evangélicas pagam os tempos que usam nas Rádios públicas como publicidade, isto é, ao mesmo preço que aqueles que anunciam carros, bebidas, tabaco, etc. e de que tiram fortes lucros.

Achamos que isto não é correcto e que produz uma diferença de tratamento quando a liberdade religiosa implica igualdade de tratamento.

Seria bom que o Governo tomasse algum tempo para estudar o problema destas desigualdades, que trazem sérias dificuldades às congregações religiosas. Não falamos já de outras diferenças que existem e que deveriam igualmente ser aplanadas.

J. Morgado

Revolução e Despertamento na Europa de Leste

O ano de 1989 ficará na História como um ano excepcional. Acontecimentos e desenvolvimentos totalmente inesperados tiveram lugar diante dos nossos olhos com uma rapidez tal que nos deixaram estupefactos e fascinados. Ao examinar retrospectivamente a situação, temos a impressão de ter sonhado: temos dificuldade em assimilar completamente esta realidade, de tal modo ela difere da anterior. Transformações na União Soviética, na Polónia, na Hungria e, nos últimos meses, a um ritmo acelerado, na Alemanha de Leste, na Checoslováquia e por último, na Roménia! Tudo isso, setenta e dois anos após a célebre «Revolução de Outubro».

Se no início de 1989 alguém nos tivesse anunciado que tudo isso ia acontecer — o desmantelamento da «cortina de ferro» e do Muro de Berlim, a debandada de milhares para o Ocidente, atravessando fronteiras que durante décadas os mantiveram nos seus países — se alguém tal nos dissesse, nós consideraríamos tal indivíduo sonhador ou louco.

I. UMA REVOLUÇÃO QUE APENAS DUROU DUAS SEMANAS

Tive o privilégio de visitar a República Federal da Checoslováquia de 21 de Novembro a 3 de Dezembro do ano passado e de 3 a 9 do mesmo mês estive na RDA. No dia 3 de Dezembro, ao deixar a Checoslováquia, deixava um país completamente diferente daquele a que chegara alguns dias antes. Esta viagem ficará para mim como uma recordação inolvidável. Durante este breve período, tiveram lugar neste campo três assembleias administrativas com eleições: a primeira ao ní-

vel da união, a segunda na associação da Boémia, em Praga, e a terceira em Brno, para a associação de Silésia-Morávia. Para a mesma ocasião foram também organizadas duas pastorais. Ora, cada dia, a situação política se tornava cada vez mais apaixonante de seguir; havia notícias sensacionais a toda a hora; havia também todos os dias manifestações públicas que, deve sublinhar-se, decorriam com ordem e disciplina. À medida que a situação evoluía, os rostos dos nossos membros e dos nossos obreiros descontraíam-se e neles podia ler-se uma crescente confiança. Mas repetiam a cada instante: «Que bom que o irmão Ludescher possa acompanhar connosco todas estas mudanças!» Por ocasião das assembleias pastorais de Praga e Brno, constatei com profunda satisfação que os nossos irmãos dirigentes e os nossos obreiros se preocupavam já em saber o que iriam empreender nos domínios da evangelização para tirar partido da nova situação.

Manifestação de esperança e paz

A 25 de Novembro, por volta do meio dia, altura em que terminava a nossa reunião pastoral, vieram avisar-me que às 16 horas haveria uma manifestação gigante na praça Venceslau, em Praga, e que ela seria, sem dúvida, o ponto culminante das mudanças em curso. Disseram-me que não podia faltar a esse acontecimento. Concordei, com a condição de poder levar algumas revistas nossas *Sinais dos Tempos* para distribuir. O Ir. Miroslav Kysilk, que é o novo presidente da associação da Boémia, concordou e voltei ao hotel onde estava alojado, que ficava numa rua lateral mas a cer-

ca de duzentos metros da praça Venceslau. No meu quarto ouviam-se os altifalantes e um rumor de apelos, gritos e cantos.

Foi com dificuldade que consegui chegar à praça, pois a multidão era enorme: demorei meia a hora a percorrer 200 metros! Invadia-me um sentimento de angústia e exaltação. Ali estava eu, sozinho e contudo no meio de quatrocentas ou quinhentas mil pessoas. Começou a nevar e o frio tornou-se intenso. Discursos, apitos, gritos de alegria, mensagens radiodifundidas continuavam a suceder-se. De tempos a tempos, pedia a um dos meus vizinhos para me traduzir as mensagens que se ouviam e sempre fui amavelmente informado, em alemão ou inglês. Passou uma hora. Eu pensava na minha pasta cheia de «Sinais dos Tempos»: ainda não tinha podido distribuí-los, porque as pessoas estavam sempre a bater palmas e isso mobilizava as duas mãos! Além disso, estávamos tão apertados que era quase impossível fazer os gestos necessários para entregar uma revista a qualquer pessoa. De repente a multidão começou a cantar: os homens descobriram-se. Compreendi que se tratava do hino nacional e imitei-os. Era o fim da manifestação e a multidão começou a dispersar-se. Iniciei imediatamente a minha distribuição. Em quatro minutos esgotei a minha reserva que era apenas uma gota de água numa terra sedenta...

Nessa noite não me faltava assunto de reflexão. O texto de Mateus 9:36 vinha-me à lembrança: «E vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não têm pastor.»

Como utilizar os novos caminhos diante de nós?

O Sábado da assembleia de Brno, 2 de Dezembro, decorreu também numa atmosfera impressionante. Perto de 2 500 crentes, vindos de toda a parte da associação reuniram-se no Pa-

vilhão dos Desportos, alugado para essa circunstância. Os Checos, como se sabe, têm o canto e a música no sangue. Mas naquele Sábado havia um maior entusiasmo nos coros que se elevaram em louvor a Deus; as orquestras tocaram de modo magistral e as vozes pareciam mais cristalinas! Nessa mesma noite e até tarde, o conselho da associação teve uma reunião especial. Tema único dos debates: «Como tirar partido desta mudança de situação?» Foi surpreendente constatar com que rapidez estes responsáveis se adaptavam às novas possibilidades — por exemplo, a instrução religiosa nas escolas, produção e distribuição de publicações e de emissões radiofónicas, conferências públicas, abertura de um seminário teológico para os nossos pregadores, etc. — e com que competência eles tomavam as medidas adequadas! Os Checos e os Eslovénios são de facto mestres nesta arte.

No domingo de manhã, tive uma sessão de trabalho com Karel Nowak, o jovem presidente da União, recentemente eleito, que estudou em Colonges e fala fluentemente francês e inglês. E a conversa continuou no carro em que fui levado ao aeroporto, na presença do irmão O. Sladek, que durante vinte e cinco anos dirigiu de forma exemplar a nossa obra na Checoslováquia, em condições muitas vezes difíceis. Por razões de saúde, o nosso irmão tinha pedido para não voltarem a nomeá-lo para aquele cargo. Mas estamos-lhe reconhecidos por ele ter concordado em fazer a obra beneficiar ainda da sua grande experiência, assumindo a direcção do departamento de Comunicação.

No avião que me levava para a RDA tive tempo de rememorar com gratidão as duas semanas extraordinárias de acontecimentos que acabava de viver. Dava-me a impressão de ser tudo um sonho.

II. UM PAÍS TRANSFORMADO EM ALGUMAS SEMANAS

Quarenta e cinco minutos depois aterrava na Alemanha Democrática e também ali a situação estava completamente transformada. Lá também tinha havido mudanças inesperadas e a

nossa denominação está sendo confrontada com novas perspectivas. Os nossos dirigentes tinham já marcado um colóquio especial para Janeiro, no qual se deveriam estudar importantes questões, estabelecer planos e organizar iniciativas. Enquanto fomos de Berlim-Este para Friedensau, os irmãos da União fizeram-me um relatório pormenorizado da verdadeira revolução que tinha lugar naquele país havia algumas semanas.

O Conselho da União da RDA reuniu-se de 3 a 5 de Dezembro no Seminário de Friedensau, onde teve igualmente lugar, dia 6, a sessão do Conselho director da instituição, consagrada à nomeação do novo director daquela escola.

Por outro lado, foi emocionante passar de um para outro lado de Berlim e não ter que fazer qualquer paragem de fronteira!

Na sexta-feira, dia 8 de Dezembro tinha sabido, pelo irmão M. Muller, departamental de Jovens da RDA, uma boa notícia: que o Sábado, 10 de Dezembro marcaria o fim da primeira semana escolar de 5 dias — uma medida introduzida pelo governo provisório e graças à qual, a partir de agora, o Sábado seria um dia livre para os estudantes.

Tive o privilégio de passar o Sábado com os membros da nossa igreja de Koepenick. De tarde, o irmão H. Knoll, presidente da associação, quis-me levar ao aeroporto de Berlim-Occidental, mas houve um tal engarrafamento que se não tivesse aparecido um taxi providencial que nos levasse, teria perdido o avião para Dusseldorf. As ruas tinham sido invadidas por centenas de milhares de Alemães do Leste que vinham visitar Berlim-Occidental. Ao observá-los, veio-me novamente à lembrança Mateus 9:36: ovelhas sem pastor, à procura da verdade! Que desafio em relação àquelas almas!

Após as sessões do Conselho da União em Dusseldorf e a reunião administrativa da nossa Associação de Igrejas da Alemanha, voltei a Berna, a 14 de Dezembro e ainda sob a impressão das minhas recentes impressões no Leste.

«Revolução non-stop»

Encontrava-me em Berna havia apenas uma semana quando rebentou a revolução da Roménia. Foi pena que ao contrário do que aconteceu na Polónia, na Hungria, RDA e na Checoslováquia, esta tenha sido sangrenta: calcula-se que tenha feito entre seis mil a dez mil vítimas. A liberdade, neste país, foi paga muito caro.

III. OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA PRECIPITAR-SE-ÃO

O que mais me impressionou, no desenvolvimento dos factos políticos dos últimos meses, foi a rapidez com que se produziram. Ora, li recentemente um pensamento que me fez reflectir. Ei-lo: «Vivemos num mundo em que não nascemos, e morremos num mundo em que não teremos vivido.»

Duas declarações das Sagradas Escrituras se impõem no turbilhão dos recentes acontecimentos. A primeira encontra-se no livro de Daniel (2:21): «E ele muda os tempos e as horas; ele remove os reis e estabelece os reis...»

Como vimos e vivemos, este poderoso Deus pode também precipitar as coisas e fazer com que elas se produzam em ritmo acelerado! E isso lembra-me uma declaração da serva do Senhor em *Testimonies*; vol. 9, p. 11: «Grandes mudanças estão prestes a operar-se no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos.» (Cf. *Testemunhos Selectos*, III, p. 280).

Poderá acontecer que a «nossa cronologia» relativa aos últimos capítulos da história humana, que se situa imediatamente antes da vinda de Cristo, seja desmentida pelo desenvolvimento precipitado de acontecimentos inesperados? É intencionalmente que escrevo a «nossa cronologia», porque a de Deus é sempre exacta!

IV. DEUS REINA — O MUNDO ESTÁ NAS SUAS MÃOS

A segunda passagem bíblica que me deu coragem no meio destes acontecimentos e revoluções, foi o salmo 93. A situação que este texto descreve

coincide muito exactamente com a do nosso mundo. Seria falso crer que a história deste terra não é senão um caos inexplicável, uma sucessão de acontecimentos incoerentes e incompreensíveis. Bem ao contrário: se se consideram estes acontecimentos na perspectiva profética (II Pedro 1:19), constata-se com alívio que o fio condutor traçado por Deus através da história conduz com lógica e precisão ao grande dia da volta de Jesus.

O Senhor tem bem seguras as rédeas do universo. Ele não morreu. Não abandonou o nosso mundo à sua sorte. Ele vive e reina (Sal. 93:1, 2). É verdade que acontecem coisas terríveis que nos enchem de angústia: «a voz de grandes, poderosas águas» — isto é, povos e nações — que chegam aos nossos ouvidos (vrs. 4 e 5), e não deixará de aumentar até ter alcançado o seu apogeu. Mas nós, filhos de Deus, seremos sempre reconfortados com uma certeza libertadora: saber que «o Senhor, nas alturas, é mais poderoso do que o ruído das grandes águas e do que as grandes ondas do mar.» Numerosos são, sem dúvida, os que, como eu, se interrogaram muitas vezes: «Porque será que a Bíblia não contém nenhuma alusão ao comunismo, (uma vez que quase metade da humanidade lhe esteve subjugada e ainda o está em parte) enquanto fala, às vezes mesmo com abundância de pormenores, do poder político-religioso mencionado especialmente em Daniel 7, em Apocalipse 13 e em II Tessalonicenses 2:1 a 12? Hoje deixei de procurar resposta para esta pergunta: compreendi finalmente! A minha confiança na Palavra profética é mais profunda do que nunca.

V. UMA NECESSIDADE: ESTABELECEMOS A LISTA DAS PRIORIDADES

As transformações e reestruturações que a Europa de Leste conhece actualmente terão a longo prazo repercussões que nos é difícil de prever. O ano de 1990 verá certamente produzirem-se outras mudanças fundamentais — na Albânia, na China, noutros estados socialistas e comunistas do terceiro mundo. A questão que se nos põe com

a maior urgência é saber em que medida captamos quão séria é a presente situação e se estamos prontos a executar o que Deus deseja que façamos agora. Circunstâncias e necessidades especiais exigem decisões e iniciativas também fora do comum. É indispensável que estabeleçamos sem tardar a lista das nossas prioridades, classificando-as por ordem de importância. Quando um barco se está afundando, não é o momento de endireitar os quadros do salão! Ocupar-se disso em tal ocasião seria autêntica loucura, uma perigosa perda de tempo, até mesmo criminosa. Há outras coisas a fazer — coisas bem mais importantes. O nosso mundo é um navio em perigo. Pior:

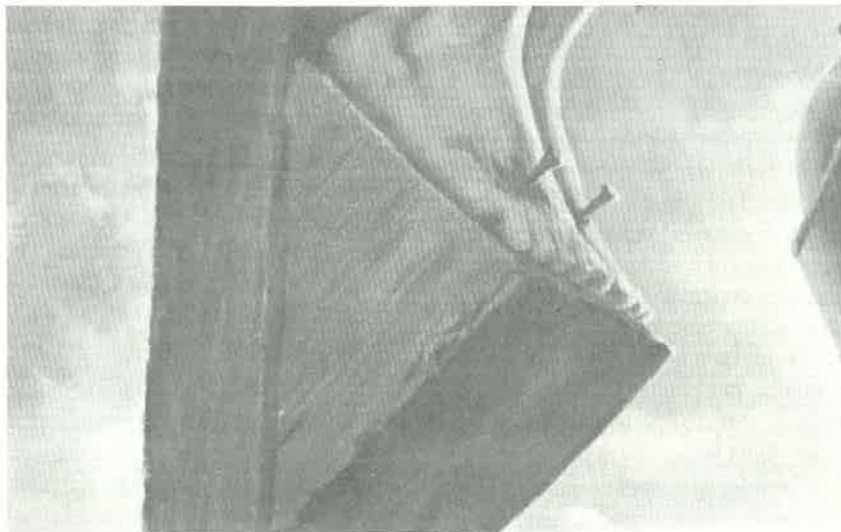
é um navio a afundar-se. Por isso, que Deus nos ajude a empreender o que é absolutamente indispensável que seja feito hoje:

Anunciar «o Evangelho eterno a todos os que habitam sobre a terra, a toda a nação e tribo e língua e povo». Apocalipse 14:6.

Tal é a primeira prioridade do movimento adventista. Deus suscitou-o para cumprir esta missão e realizar este sagrado dever. Que Ele, por conseguinte, Se digne dar a sabedoria de que os seus membros precisam para cumprir este objectivo.

E. Ludescher, presidente da Divisão Euro-Africana.

DANIEL PEREIRA CORDEIRO



Os Teus Pés Senhor!

Um rapazinho de 11 anos comove-se e comove-nos perante a figura sublime de Jesus.

Reflexões cândidas, mas profundamente cristãs, são o centro e súpula da Boa Nova do Evangelho: Vida, Morte, Ressurreição e Segunda Vinda de Jesus.

Foram os Teus pés, Senhor, que nasceram em Belém. Foram esses pés beijados e adorados por Tua mãe Maria. Esses pés escaparam à terrível morte do rei Herodes. Em troca morreram outros meninos com seus pezinhos de dois anos para baixo. E fo-

ram os pés de Jesus para o Egipto. Foram esses pés que andaram em cima do burrinho e voltaram para Israel para a cidade de Nazaré. Foram esses pés que nunca maltrataram um cãozinho ou outro ser com um terrível pontapé. Foram pés que corriam com os

amigos de Jesus e reboavam com os outros na relva fofa. Foram pés que iam caminhando a carregar uma peça que o pai tinha feito e ajudavam a mãe. Foram pés que se afastavam de maus companheiros. Foram pés que uma vez caminharam para Jerusalém e que foram para junto dos doutores e seu Dono falou aos doutores coisas da Bíblia. Foram pés que caminharam para o rio Jordão e entraram dentro das águas baptismas sendo batizados e, saindo, veio uma pomba que era o Espírito Santo que disse: «Este é o Meu Filho em quem Me comprazo!»

Foram pés que andaram no deserto 40 dias com calor e fracos doíam muito. Jesus então venceu Satanás e caíram os Seus pés por terra cansados. Então vieram os anjos com comida e palavras de amor. Foram pés que andaram em Jerusalém e Jesus, Dono deles, escolheu os Seus discípulos dizendo: «Vós sereis pescadores de homens».

Foram pés que foram e andaram em Israel e seu Dono pregou dizendo para se arrependem dos seus pecados. Foram pés que quando foram à festa de casamento seu Dono transformou água em vinho. Foram pés que, montados num jumento, entraram em Jerusalém. Foram pés que pisaram o chão do Templo e seu Dono expulsou os ladrões para fora e teve pena das pessoas doentes e as curou. Foram pés que à noite andaram e Jesus falou com Nicodemos e lhe disse: «Precisas de nascer outra vez».

Foram pés que foram para junto do poço e Jesus falou com a Samaritana. Foram pés que foram para a sinagoga e outros sítios enquanto Jesus curava doentes e deficientes, ressuscitava pessoas mortas e libertava endemoninhados e era para com todos bondoso. Foram pés que no barco descansavam e Jesus se levantou e a tempestade se acalmou. E os pés de Jesus andaram muito de terra em terra e toda a gente era curada. Foram pés que caminharam para a montanha e Jesus pregava. E então chegada a hora do almoço Jesus pegou em 5 pães e dois peixes de um rapazinho e multiplicou-os e cinco mil homens, além das mulheres e crianças, comeram e ainda sobram 12 cestos. Foram pés que caminharam em cima do mar alto e bravo e os pés de Pedro seguiam atrás. Pedro, porém, desviou o olhar de Jesus e afundou, mas Jesus não o deixou afogar-se. Foram pés que passando por baixo de uma árvore viu Zaqueu. Este arrependeu-se dos seus pecados.

Esses pés estavam sempre quietos quando Jesus orava e ensinou os discípulos a orar. Jesus enquanto pregava ou contava uma parábola, os Seus pés estavam quietos e calmos sem pressa. Foram pés que costumavam ir a casa de Marta e Maria e ali pregava e contava muitas parábolas. Esses pés estavam quietos e Jesus falava e chegou Maria com um frasco de perfume e ungiu os pés de Jesus e secou-lhos com os cabelos. Então Jesus passou a Páscoa com os discípulos e lavou os pés dos discípulos. Os Seus pés não foram lavados porque não estavam manchados do pecado.

Jesus então triste foi orar com o Pai e quando voltou os discípulos dormiam. Então eles acordaram e Jesus perguntou: «Porque não ficam a orar?»

Então voltou para o lugar e orou de novo e quando voltou outra vez para os discípulos eles estavam de novo a dormir. Os Seus pés tristes fizeram de novo a caminhada até ao lugar de oração. Quando voltou outra vez para os discípulos encontrou-os mais uma vez a dormir. Depois foi com eles, que eram só três, enquanto Judas, o grande traidor, vinha ao encontro de Jesus com soldados para O prender. Esses soldados maus levaram Jesus amarrado. Os Seus pés foram massa-

crados, cuspidos e batidos.

Os pés de Jesus, cansados, foram a carregar a pesada cruz. E chegando ao Calvário foram perfurados com um prego. As mulheres molhavam-nos com lágrimas de tristeza, beijavam-nos e desmaiavam em cima deles. Então um ladrão comovido disse ao Mestre:

— Senhor, lembra-te de mim quando entrares no Teu reino.

E Jesus disse:

— Hoje mesmo te digo que estarás comigo no paraíso.

Olhando Jesus para o Céu com tristeza pediu ao Pai:

— Pai, perdoa-lhes, que não sabem o que fazem.

Jesus depois disse para João cuidar da Sua mãe velha e cansada. Os pés de Jesus doíam-lhe cada vez mais. Então olhou para o Céu, deu um grito de tristeza e morreu. O Céu ficou vermelho, a brisa batia nos braços e pés de Jesus. Seu Pai no Céu sofria como Ele. Então toda a gente se foi embora. Aqueles pés santos já não podiam andar pelos caminhos.

Então Jesus foi para o sepulcro e depois ressuscitou. Depois de ter ressuscitado foi ter com os discípulos, andou com eles durante 40 dias e então dirigiu-se com eles para o monte das Oliveiras. Ali falou mais algumas coisas a eles e então ascendeu aos céus.

Jesus voltará brevemente. Os sinais já estão a realizar-se. Então Jesus Se levantará, virá à Terra com os Seus pés brancos e Judas, o traidor, e os soldados e todos os maus morrerão para sempre. Os 11 discípulos, o ladrão, os meninos que foram mortos de 2 anos para baixo viverão para sempre no paraíso. Então Jesus julgará as nações.

E, quando Jesus vier, no final do Milénio para estabelecer para sempre o Seu reino aqui na Terra, os Seus pés pousarão novamente sobre o Monte das Oliveiras que se fenderá e tornará uma grande planície para receber a Nova Jerusalém que então descenderá do Céu e aqui ficará para sempre.

Senhor, aqui curvado aos Teus pés, perdoa os meus pecados para que possa estar contigo. Amén.

Este artigo foi-nos enviado quando a RA de Dezembro estava já pronta. Pelo seu conteúdo, guardámo-lo para a Páscoa.

COLÉGIO ADVENTISTA DE OLIVEIRA DO DOURO

CURSO DE DOCTRINA

Data: 1 a 15 de Agosto de 1990

MATÉRIAS:

1. O Antigo Testamento e a Arqueologia
2. História da nossa Igreja
3. Apocalipse
4. Correntes religiosas contemporâneas

INSCRIÇÃO: 1.000\$00

ALIMENTAÇÃO: 9.500\$00

PROFESSORES:

Ernesto Ferreira, Manuel Cordeiro

SEMINÁRIO MARANATA

Datas:

I. 19 a 16 de Agosto de 1990

II. 26 de Agosto a 2 de Setembro de 1990

INSCRIÇÃO: 1.000\$00

ALIMENTAÇÃO: 5.000\$00

COLABORADORES:

Ulrich Frikart, José Carlos Costa

Adão, representando assim de pleno direito a imagem do segundo Adão.

O TEXTO — Mateus 4:1-4

Jesus está no início do Seu ministério, e neste momento, em que há interrogações, Satanás surge com o fim de conseguir algo, afirmando «trazer uma mensagem de misericórdia (...) que

sentido de «visto que», noção que é justificada pela análise do texto e contexto, pois na mente de Satanás não havia qualquer dúvida acerca da divindade de Jesus.

Cristo foi abordado como um homem, pois Satanás apelava para algo de subtil, e tão querido ao homem, ao primeiro Adão! Senão, consideraremos algumas ilações do texto:

1 — Se fosses o Filho de Deus, achas que Ele te abandonaria por 40 dias?

2 — Se Deus te abandonou, não achas que chegou o momento de agir por conta própria?

3 — O que há de pecaminoso e de errado transformar pedras em pão, para comê-lo após 40 dias de jejum?

O Espírito de Profecia vai totalmente ao encontro desta maneira de ver o problema. Esta primeira tentação foi totalmente centralizada no apetite, exactamente aonde o primeiro Adão cedeu! «...Por um milagre de misericórdia alimentou Ele de uma vez cinco mil com cinco pães e dois peixinhos. Portanto Ele tinha poder para operar um milagre para satisfazer a sua fome. (...) Tinha Satanás esperança (...) que sob a força do desalento e da fome extrema Ele exercesse o Seu poder milagroso em Seu favor, retirando-se das mãos do Pai celeste. *Isto foi na verdade uma tentação para Cristo*»⁷ (itálico nosso).

Assim o primeiro Adão simboliza a reivindicação orgulhosa de uma autonomia pessoal. O segundo Adão simboliza a total submissão à vontade de Deus.

Quando somos tentados, colocamos Deus em primeiro lugar na nossa vida? A morte de Cristo por derramamento de sangue representa os diferentes níveis da sociedade, que juntos decidiram verem-se livres de Deus.

Cristo é para nós Espírito Vivificante — I Cor. 15:45, isto é, n'Ele somos mais semelhantes a Ele — o segundo Adão.

Ilídio Nascimento Carvalho é pastor das igrejas de Espinho e Oliveira de Azeméis.

Referências:

1. Kummel, Cerner Georg — *Introdução ao Novo Testamento*, pp. 185, 187.
2. Cf. Col. 4:14; 2 Tim. 4:11; Filemon 24.
3. White, Ellen G. — *Mensagens Escolhidas*, vol. I, p. 273.
4. *Ibidem*, p. 272.
5. *Opus cit.* pg. 274.
6. Luc. 4:34, 41.
7. White, Ellen G. — *Mensagens Escolhidas*, vol. I, pg. 275.

O Problema Ontológico da Tentação de Jesus

ILÍDIO NASCIMENTO CARVALHO

A estrutura literária dos textos que nos mostram a tentação de Cristo divergem entre si. Ao examinarmos as diferentes genealogias apercebemo-nos da sua verdadeira significação.

Em Mateus 3:3, 4:1 e Marcos 1:9-13, a tentação é precedida pelo baptismo de Jesus. No entanto, quando examinamos o evangelho de Lucas, apercebemo-nos de uma outra realidade. Lucas intercala a genealogia (Luc. 3:23-38) entre o baptismo (Luc. 3:21, 22) e a tentação de Jesus (Luc. 4:1-4).

Alguns autores divergem ao tentarem encontrar o autor deste evangelho e também sobre a «notável afinidade com a teologia de Paulo»¹.

Não esqueçamos que Paulo foi o pregador da graça, e para dar mais força aos seus argumentos vai usar, caso único na Escritura, a imagem do segundo Adão. Pelo que acima ficou exposto, e ao compararmos as Escrituras,² Lucas foi discípulo de Paulo, ou pelo menos o acompanhou — será normal que o discípulo absorva as lições do mestre.

Assim, ao intercalar a genealogia de Jesus, quer-nos mostrar que o Jesus que acabava de ser baptizado e proclamado Filho de Deus era também filho de

Deus apenas quisera provar a Sua vontade em resistir».³

Cristo não Se encontrava na Éden como Adão, mas sim «num estéril e ermo deserto, rodeado de animais ferozes»⁴ O ministério de Cristo está enquadrado entre dois desertos:

- Deserto da Tentação
- Deserto do Getsemani

Cada um deles está cheio de simbolismo. No *Deserto da Tentação*, Cristo vai conhecer qual seria a Sua vida, enquanto que no *Deserto do Getsemani*, Cristo vai conhecer qual a Sua morte.

Mas neste momento, seria Cristo Deus ou Homem? Aonde começava uma noção e terminava a outra? Segundo a epístola de Tiago 1:13, se Jesus foi tentado é porque Ele era verdadeiramente HOMEM! Pois o próprio de Deus é não ser tentado! Assim, a tentação mostra-nos a autenticidade da encarnação de Jesus.

Quem era Cristo?

Satanás, segundo as Escrituras e à luz do Espírito de Profecia «dissimulou duvidar da divindade de Cristo por causa do seu aspecto desfigurado e o ambiente desagradável»⁵.

O texto de Luc. 4:3 «Se tu és o Filho de Deus», subentende uma certa dúvida — mas teria Satanás qualquer dúvida — apesar de ter sido bem audível o texto «Tu és meu filho amado» (Luc. 3:22)? Ao percorrermos o seguimento do texto as nossas dúvidas se desvanecem!

Assim, este «se», não deve ser tanto um condicional, mas algo de concreto, de mais forte, bem afirmativo! Terá o

Escavação Arqueológica em Jerusalém

PAULO BORK

Um arqueólogo brasileiro relata a sua participação numa pesquisa que prossegue em Jerusalém. A arqueologia tem contribuído grandemente para a compreensão da história e costumes dos povos.

Quatro mil anos de história da cidade de Jerusalém estão sendo lentamente revelados por duzentos arqueólogos profissionais e voluntários de todo o mundo que desenvolvem um esforço conjunto, patrocinado pela Universidade Hebraica, escavando as áreas mais antigas da cidade. A quinta expedição foi realizada no ano passado.

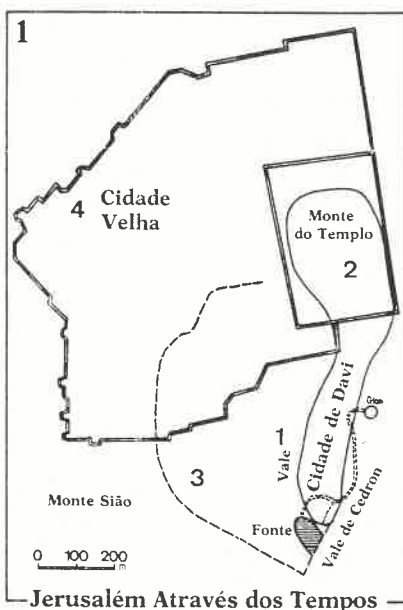
A região atingida, conhecida como «Cidade de David», corresponde à parte antiga de Jerusalém, a qual David conquistou aos jebuseus, mais de mil anos antes de Cristo. Desde a época da conquista de Canaã, sob a liderança de Josué, os jebuseus haviam assumido o controlo da cidade, durante quatrocentos anos, até à época de David.

A cidade era conhecida, nos primeiros tempos, pelo nome do povo que a habitava — Jebus (Juízes 19:10). Teve também o nome de Salém (Gênesis 14:18), provavelmente derivado de um deus pagão — *Shalim*, o deus do crepúsculo. De acordo com outros, o nome significa paz.

A história da cidade reporta-se aos dias anteriores a Abraão, há mais de quatro mil anos. As tabletas de Ebla, no norte da Síria (cerca de 2.200 a.C.), mencionam de passagem uma cidade chamada Urusalima, a qual alguns estudiosos crêem ser Jerusalém.

Após resgatar Lot e sua família, que tinham sido sequestrados pelos reis orientais invasores, Abraão parou em Jerusalém para entregar os dízimos ao

seu sumo sacerdote e rei — Melquisedeque. Para lá se dirigiu Abraão também para oferecer seu filho Isaque sobre o Monte Moriá, um outeiro que, na época, ficava fora da cidade. Nesse mesmo local, Salomão construiu mais tarde o templo, e a área foi anexada à cidade (ver ilustração abaixo).



1. Jebus, ou a Cidade de David
2. Monte Moriá, anexado por David, no qual construiu o templo
3. Muro, no tempo de Ezequias. O poço de Silóé ficava do lado de dentro
4. Muro actual e a hoje chamada Cidade Velha

Antes de David a cidade era pequena, com pouco mais de 5 hectares e uma população de aproximadamente

dois mil habitantes. Ocupava o pico de uma colina ao sul da actual cidade murada, perto da Porta do Esterco. Era uma localização estratégica em termos de defesa.

Por centenas de anos, permaneceu como uma cidade-fortaleza no coração da terra de Israel. Quando David tentou tomá-la, os seus habitantes zombaram dele: «...os cegos e os coxos te repelirão» (II Samuel 5:6). Mal sabiam eles que David conhecia um ponto fraco na defesa da cidade.

Os moradores dependiam de um poço ou cisterna para o suprimento diário de água. O poço ficava dentro da cidade mas era alimentado pelo ribeiro de Giom, que nascia fora dos muros. A água vinha por um pequeno túnel cavado na montanha, passando por debaixo do muro (ver ilustração 2). Em tempos de paz, o povo da cidade podia ir buscar água, tanto do lado de fora como de dentro do muro.



1. Cidade de Jebus
2. Muro da Cidade
3. Entrada do sistema hídrico
4. Cisterna
5. Fonte de Gion
6. Vale de Cedron

Quando David resolveu tomar a cidade, lançou um desafio pelo qual quem penetrasse em Jerusalém se tornaria seu comandante. Joabe ganhou esta honra ao penetrar na cidade através do canal, esgueirando-se pelo estreito túnel e subindo pelas paredes do poço (I Crônicas 11:3-7; II Samuel 5:8).

O reservatório foi descoberto por Charles Warren, em 1867. Tem dois metros de diâmetro e 18 de profundidade. Diversos participantes na escavação promovida pela Universidade Hebraica experimentaram escalar o poço, à semelhança de Joabe. Neste caso contámos com a perícia de dois alpinistas e o uso de cravos de alumínio, o que dá uma ideia das dificuldades de Joabe para realizar o feito pelo qual mereceu tamanha honra. Há um plano da actual organização arqueológica para restaurar o sistema, dispondo-o para visitação pública.

Um alvo de expedição arqueológica, que se estende por diversos anos, é estudar todo o sistema de distribuição de água da velha Jerusalém. O suprimento de água era elemento crítico para muitas cidades antigas. As cidades eram plantadas no alto de colinas e a água estava nos vales, do lado de fora dos muros. Em situações de guerra ou cerco, o inimigo poderia controlar a fonte das águas e assim conquistar o povo.

O rei Ezequias (700 a. C.) teve que enfrentar esse problema, em circunstâncias trágicas. Apesar de Jerusalém se ter ampliado grandemente, o sistema de águas quase não fora melhorado ao longo de 300 anos a.C. Apenas algumas velhas cisternas tinham sido colocadas em condições de acumular água das chuvas. Em caso de cerco prolongado seriam insuficientes.

Durante a invasão de Jud , pelos temidos exércitos assírios, Ezequiel decidiu construir um túnel de aproximadamente 600 metros, para trazer água por gravidade desde a Fonte Gion, fora dos muros, até o Poço de Silo , dentro (ver ilustração 3). Foi uma tarefa muito complicada.

Os trabalhadores labutaram dia e noite à luz de tochas e sobre a pressão dos invasores furando a rocha com primitivas ferramentas manuais.

Todavia, a tarefa foi completada a tempo. Uma inscrição narrando as ocorrências culminantes do empreendimento foi deixada no fim do túnel, próximo ao Poço de Silo . Ela foi agora extraída e colocada no Museu Arqueológico de Istambul, Turquia. Eis uma parte da inscrição:

«Perfuração completada. Desta maneira a perfuração foi completada. Os trabalhadores vinham cavando, uns em direção aos outros, até se encontrarem. Quando faltavam três côvados [pouco menos de dois metros] e era possível ouvir os gritos do outro lado houve um baque nas rochas ao sul. Nesse dia a perfuração foi concluída quando as picaretas de um lado bateram contra as picaretas que vinham em sentido oposto, e a água jorrou da fonte para o poço, 1.200 côvados; e de cem côvados era a altura da rocha sobre a cabeça dos cavadores.» — Ira M. Price *et alli*. *The Monuments and the Old Testament*. Philadelphia, The Judson Press, 1958, pág. 277.



Tenho conduzido muitos visitantes através desse sinuoso e escuro túnel apenas com o auxílio de uma vela ou lanterna. É uma experiência inesquecível quando podemos sentir as dificuldades relacionadas com a sua construção.

Outro objectivo da presente expedição arqueológica   recriar, tanto quanto possível, a história dos primórdios de Jerusalém, que é pouco conhecida. Como a escavação prossegue de temporada em temporada, fica a fascinante expectativa do que a turbulenta história desta antiga cidade pode revelar.

Cavando através dos vários estratos encontramos abundantes evidências do período romano com as suas peculiaridades. Por debaixo da camada correspondente   dominação romana está o período hel nico, depois o persa, babil nico, israelita e finalmente a camada correspondente   dominação jebusita. Cada período deixou os seus vestígios, os quais foram soterrados pela destruição promovida pela nação conquistadora subsequente. Diz-se que Jerusalém já foi destruída 17 vezes.

Nas escavações de cada estrato encontramos cerâmicas, estatuetas, vasos locais e importados, armas, e uma infinidade de outros objectos, os quais nos levam a ponderar sobre muitas batalhas e outras ocorrências históricas mencionadas na Bíblia.

Lembro-me de ter escavado o que deve ter sido uma rica residência israelita destruída pelos babil nios em 586 a. C. Ela tivera uma belíssima vista para o Monte das Oliveiras. Diversas salas foram construídas de pesadas pedras. Dentro, encontrámos vários pesos reais, estatuetas de ídolos, e muitos utensílios domésticos de argila ou metal. A casa fora completamente demolida, sem sinal de que os seus ocupantes tivessem sido mortos; provavelmente foram levados cativos para Babil nia, a mais de 1.500 km de distância.

Esta escavação, que é dirigida pelo Professor Yigal Shiloh, do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica, deve continuar por vários anos ainda.

CALENDÁRIO DA IGREJA

ABRIL

- | | |
|---|---------------|
| * Oferta Actividades Leigas/Orçamento da Igreja | 7 de Abril |
| * Dia das Vocações/Oferta Para Literatura | 14 de Abril |
| * Dia do Tiç o | 21 de Abril |
| * Campanha das Missões | 1-30 de Abril |
| * Dia da Educação/Oferta Especial | 28 de Abril |

A IGREJA:

Relações Internas e Comunicação

A igreja é o meio pelo qual os seres humanos são chamados a uma relação mais profunda e sincera entre homem e homem e entre este e o seu Deus. Não quero com isto dizer que fora da comunidade dos crentes não se possa amar aos homens e a Deus. Todavia, a igreja é o ambiente escolhido pelo Criador para a realização total do ser.

Nos diferentes fenómenos da vida entre os indivíduos, particularmente da vida em grupo, como é o caso da igreja, condicionamo-nos natural e reciprocamente, assim como nos influenciámos pela nossa cultura e personalidade. Cada pessoa na igreja recebe e dá aos outros, e com isto contribui para modelar a personalidade de cada crente e, simultaneamente, o comportamento do grupo que é a igreja.

Há, como é evidente, uma série de factores importantes na origem das interações no grupo-igreja. Procuremos salientar alguns:

1. Relações das pessoas entre si

Estas relações são de naturezas diferentes e inscrevem-se entre duas atitudes extremas, ou seja, vão de uma íntima solidariedade até ao antagonismo mais exacerbado. Marcam profundamente as pessoas e a igreja.

2. Relações na Igreja

Quanto mais interpessoais são as relações, mais próxi-

mas da solidariedade e da amizade, mais facilmente e com maior eficácia se atingem os objectivos propostos.

O grande objectivo da igreja é levar o Evangelho aos quatro cantos do país. Urge realizar este plano que Deus confiou ao Seu povo, mas isso só será possível quando toda a igreja se comunicar com a linguagem do amor (I Cor. 13). Isso, porém, não significa que nas relações de amizade entre pessoas fique excluído todo o tipo de tensão. Estas encontram-se até na base do diálogo aberto e franco, mas são compreendidas e ultrapassadas com lucidez quando a estima e a amizade mútuas humanizam o diálogo e se convertem em fontes de progresso e enriquecimento para todos.

3. Definição de funções

Para que as relações se aproximem ao máximo da solidariedade e amizade é importante definir funções ou privilégios e responsabilidades. É indispensável para a vida do grupo e de cada indivíduo que as funções estejam claramente definidas. O que assume tem necessidade de conhecer as fronteiras da acção.

Imaginemos um determinado país que desconhece as suas fronteiras. Estaria permanentemente em tensão com os seus vizinhos. O mesmo se passa dentro de um grupo de trabalho.

É claro que nem todas as funções são nítidas. Algumas das tarefas têm situações que poderíamos chamar de «penumbra» e é aí que as coisas têm que ser bem esclarecidas, a fim de que o rendimento das acções não seja limitado. Sempre que há responsabilidade, há privilégios. Isto pode ser facilmente comprovado na nossa experiência.

Igreja e Comunicação

A fonte de comunicação é o Senhor Jesus e só na relação com Ele se estabelece uma verdadeira comunicação entre os homens. Ele mesmo disse: «Sem Mim nada podeis fazer» (João 15:5). Nada, é simplesmente nada, isto é: nenhuma coisa.

A comunicação é o mecanismo que permite que existam e se desenvolvam relações entre as pessoas, e inclui os diferentes meios que estão hoje à disposição do homem: o oral, o escrito e o audiovisual, entre outros.

Funções da comunicação

A comunicação favorece a coesão e a unidade do grupo e dos indivíduos através dos intercâmbios que facilita e das relações que promove. Cada um pode conhecer e compreender o outro afirmando assim a relação de conhecimento recíproco que mantém a especificidade de cada um. Permite e facilita a realização de tarefas colectivas. Não há obra possível sem comunicação, desde a

consecução mais pequena, o trabalho mais humilde até às acções de grande envergadura no plano local, regional ou nacional. Valoriza as pessoas, dado que toda a comunicação é uma expressão do ser, qualquer que seja a sua forma ou intensidade. Através da comunicação podemos contribuir para que exista vida social e confiança.

A comunicação é, sobretudo, o meio de resolver os problemas que surgem tanto na nova vida pessoal como na vida do grupo. Os bloqueios, os desacordos, as tensões, os conflitos não evoluem para uma resolução sem comunicação. Quanto mais frequente, mais profunda e autêntica for a comunicação, mais facilitadas ficarão as relações, o que reverte em maior equilíbrio para a vida pessoal e colectiva. Toda a comunicação é o resultado de um estado de alma que os psicólogos chamam de empatia, isto é, uma fusão emotiva que nos permite conhecer intuitivamente as necessidades e os sentimentos dos outros. Permite ainda captar em parte ou no todo o processo a partir do ponto de vista do «outro» e exclui juízos de valor ou preconceitos susceptíveis de impedir a lucidez diante de determinadas situações.

A empatia permite também uma comunicação mais profunda e realista, mas tal não se consegue sem sentimentos de empatia que Deus tem por cada um dos seres humanos, não importando os seus talentos ou as suas capacidades, os seus projectos ou realizações. «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito, para todo aquele que n'Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna.» — João 3:16.

DIA MUNDIAL DO NÃO-FUMADOR

Como começou o Programa de Rádio no Litoral Oeste



Este dia foi o pretexto. O que se seguiu ultrapassa-nos. Para marcar o DIA MUNDIAL DO NÃO-FUMADOR de 1989, preparamos localmente um programa de rádio alusivo aos malefícios do uso do tabaco e um spot de impacto sobre o desafio deste dia.

Depois fomos contactá-la: a Rádio Litoral Oeste.

Ao nome da Igreja, uma contracção negativa no rosto do interlocutor, director da programação. Insiste-se para que seja ouvido o trabalho preparado. O que com um sorriso de soslaio é aceite. Passa o spot: a boca abre-se numa exclamação! O programa começa a ser ouvido, e eu despeço-me, estávamos com pressa, pois íamos a caminho de uma tarde de trabalho numa das quatro igrejas da região, ao tempo sob

a nossa responsabilidade.

Contacto posterior telefónico: a proposta tinha sido aceite, o spot iria passar durante todo o dia e o programa iria para o ar na hora de maior audiência. Estava também aceite o pedido da realização de um programa de 15 m. semanais.

Alguns dias depois, são levados os primeiros programas e sujeitos à crítica dos técnicos e director acima referido. Consequência: poderíamos dispor não de 15m semanais, mas de uma hora.

A proposta é estudada e assegurámos então, nesta primeira fase, a preparação de meia hora, dividida em dois programas semanais às horas de maior audiência, até ao fim do ano (1989). Com o primeiro mês de 1990 decorrido, os dois programas mantêm-se com

grande apreciação dos responsáveis da rádio, e a perspectiva de preencher a outra meia hora que ainda nem tivemos o privilégio de conhecer pessoalmente, já está fazendo o curso de Bíblia por Correspondência, vivendo numa localidade distante da nossa igreja mais próxima de 20 kms, fruto directo e único de um desses programas.

Chegam-nos outros comentários favoráveis, confirmando-nos que não só os responsáveis da rádio apreciam os nossos programas.

A experiência entretanto animou-nos: «Porque não tentar noutras rádios locais da zona?» Seguem-se então os contactos na Rádio Litoral de Peniche, na Rádio Antena Jovem e na Rádio Clube de Caldas.

De um mês para o outro, a mensagem adventista passou a ser ouvida em quatro postos emissores locais, em cinco programas semanais. (E em perspectiva estão mais quatro emissores locais.)

Permitam-me partilhar ainda a experiência na RCC. Rádio de grande audiência, e consciente disso, ciosa do seu tempo de antena.

Primeira etapa: recusa total de aceitar os nossos programas — mesmo em troca de uma compensação financeira. (Fase comum a todas as outras rádios até hoje contactadas).

Segunda fase: alguns dias mais tarde, novo contacto por outra via (sempre acompanhada da cassette amostra — para uma escuta da nossa proposta). Esta audição é então conseguida e o princípio é aceite, contra uma remuneração. Compra-se o tempo de antena e marca-se o dia da emissão.

Terceira fase: Após a emissão do primeiro programa, recebemos em casa, cinco minutos depois, um telefonema: o responsável da programação solicita a duplicação do tempo de antena e um acréscimo de meia hora em directo depois do programa pré-gravado. Impossibilidade da nossa parte e desculpa precária e prudente: iremos analisar e depois diremos qualquer coisa.

Quarta fase: uma semana depois, após o segundo programa ir para o ar, novo telefonema. Desejo de conhecer os produtores do programa, convite para trabalhar como locutores na rádio e repetição do pedido oito dias antes apresentado.

A nossa frieza a estas propostas — que nos apanharam desprevenidos e incapacitados de lhes dar resposta — parecem não ter agradado muito.

Quinta fase: preparação da campanha de evangelização em Caldas da Rainha para 1990. Contacto com o departamento de informação para publicitação da primeira fase «Seminário para Famílias: Vínculo familiar positivo». Feita a ligação com o programa semanal e esta promoção, ambos da Igreja, um sorriso e abertura total: marcação de uma entrevista a realizar na hora de maior audiência semanal — diríamos: assegurada a publicidade gratuita.

Depois de deixar essa rádio, constatei quantas vezes somos curtos na nossa esperança: de uma simples referência ao seminário em causa, na hora da publicidade, (estando nós prontos a custeá-la financeiramente), recebemos esta e muito mais, completamente gratuita, e de bom agrado, do director do departamento de informação da estação de rádio: milagre.

Mas a história não fica por aqui. Como é que tudo começou?

Circunstâncias do passado faziam-nos temer pelo resultado de um pedido do irmão António Santos, do Canadá. De férias no Verão de 1988, este irmão deixou-nos uma certa quantia de dinheiro para custear «Um programa numa rádio local apresentando a Igreja». A ideia, ótima, recebeu da nossa parte muito cepticismo devido a circunstâncias do passado, que punham a Igreja numa posição problemática neste domínio (o que aliás se verificou em duas rádios de uma maneira muito forte).

Mais de um ano se passou. Primeira desculpa: ainda não estavam regularizadas. Segunda desculpa: estão fechadas. Terceira desculpa... inexistente. Tínhamos que dar satisfação ao pedido do nosso irmão. O resultado? Imprevisível. Conclusão: não importa quais tenham sido as circunstâncias do passado, é possível ser-se adventista sem vergonha.

Sugestão: Porque não tentar a mesma experiência na sua zona? Vai valer a pena, não tenha dúvidas! O Deus que abriu o Mar Vermelho para que o Seu povo passasse, está disposto ainda hoje a fazer milagres para que o Seu povo passe e concretize a sua missão.

Estratégia Global

«Um historiador da Igreja nunca devia de poder dizer: Foi um bom programa, um conceito bem elaborado, concebido por comités muito eficientes. Infelizmente, nunca foi posto em prática.»

Foi com estas palavras que Neal C. Wilson, presidente da Conferência Geral, abriu este ano a sessão do conselho mundial para a Estratégia Global. A nossa Divisão estava representada pelo seu presidente, Ir. E. Ludescher e pelos Irs. J. Mager e U. Frikart.

Qual a razão deste conselho? Que significa a Estratégia Global para a família adventista mundial?

Actualmente, vivem no nosso planeta mais de 5,2 biliões de seres humanos. A eles se juntam diariamente mais 238 000. Entre toda essa gente, há apenas 5,9 milhões de adventistas, aos quais se agregam cada dia mais 1200 irmãos e irmãs através do baptismo. Apesar deste animador crescimento da nossa Igreja, os números apresentados lembram-nos que o mandato divino: «Vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo.» (Apoc. 14:6) está longe de ser cumprido na sua totalidade. Somos confrontados com cinco grandes desafios:

1. A China e os seus 1,1 biliões de habitantes, dos quais apenas 60 000 são adventistas.

2. O mundo islâmico, 900 milhões de seres, e apenas um punhado de adventistas.

3. As Índias, com mais de 800 milhões de hindus, de budistas, muçulmanos ou sikhs.

4. Os países do Leste, 450 milhões, na sua maioria ateus.

5. A sociedade secularizada do mundo ocidental com milhões de homens e mulheres marcados pela civilização materialista e habitando em grandes cidades.

No que concerne à nossa Divisão, há três aspectos extremamente importantes:

— Os quatro países do Leste: RDA, Roménia, Bulgária e Checoslováquia.

— Os 60 000 muçulmanos da Tunísia, Marrocos, Algéria e ainda os que vivem na Europa.

— Os homens e mulheres secularizados da civilização materialista europeia.

Foi em Outubro de 1986 que os responsáveis de todas as Divisões e a Conferência Geral estudaram pela primeira vez a necessidade de uma Estratégia Global de Evangelização para responder a tais desafios e cumprir o mais rapidamente possível a missão que Jesus confiou aos Seus discípulos há perto de 2 000 anos:

«Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco, todos os dias, até à consumação do século.»

(Mat. 28:19 e 20).

Qual o significado de Estratégia Global para as nossas igrejas? Quais as nossas possibilidades e contribuição para a terminação da obra?

Neste mundo em rápida mutação, já não se pode trabalhar usando os métodos do passado. Temos de descobrir novos métodos e maneiras de apresentar eficazmente a mensagem da salvação aos homens da presente geração. A Estratégia Global de evangelização implica em particular:

— A utilização de todos os recursos humanos e financeiros disponíveis para a evangelização.

— A penetração, por parte das Uniões, Associações e igrejas de territórios ou regiões onde há poucos ou nenhuns adventistas.

— A tomada de consciência de que o crescimento das nossas igrejas depende de uma colaboração harmoniosa dos membros e dos pastores em esforço evangelísticos e através do testemunho pessoal em todos os domínios da vida.

Estes importantes elementos de Estratégia Global estão já em vias de realização na nossa Divisão. Assim, a União Espanhola começou no ano passado a evangelização de Gibraltar. Este ano, foi a União Italiana que iniciou actividades de evangelização em Malta. Em França estão em curso actividades especiais denominadas MISSERM em favor dos Muçulmanos que ali residem e nós nos alegamos com as

notícias dos primeiros batismos de Muçulmanos ali realizados. O Instituto Móvil de Evangelização tem por missão a formação de pastores e membros em vista à proclamação do evangelho numa sociedade secularizada. Há ainda a juntar a isto os Seminários Maranata que tanto têm ajudado na formação evangelística dos nossos membros de igreja. Todas estas actividades se enquadram no plano de Estratégia Global.

Em Novembro passado, aquando do conselho da Divisão, os representantes das Uniões e Instituições partilharam métodos e experiências que, esperamos, permitirão uma grande messe de almas nos próximos anos. O documento para a Estratégia Global, votado pela Conferência Geral, foi então amplamente debatido. Espera-se que cada membro, em estreita colaboração com os pastores e responsáveis administrativos, reflectirá, por sua vez, nas possibilidades de participar empenhadamente neste grande projecto missionário.

Temos que redescobrir a nossa missão evangelística de Adventistas do Sétimo Dia nestes tempos finais. Roguemos a Deus que nos dê forças, coragem e sabedoria para levar o Evangelho às regiões e aldeias dos nossos países onde ainda não existe uma presença adventista, incluindo nos nossos esforços as minorias étnicas ou os imigrantes.

Eis o nosso objectivo e responsabilidade:

«Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.» (Mat. 24:14).

Ulrich Frikart, Departamental dos Ministérios da Igreja.



Indianópolis: Auditório onde se realizarão as reuniões da Conferência Geral.

Conferência Geral 1990: Contagem Regressiva

Os 2639 delegados que no próximo Verão assistirão à Conferência Geral em Indianópolis terão o privilégio e dever de representar a família mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Mas espera-se que outros milhares de visitantes tenham oportunidade de assistir a estas importantes reuniões.

De acordo com o regulamento adoptado no Concílio Anual de 1989, o número total dos delegados será constituído pelos *delegados regulares* e pelos *delegados de ofício*.

Os delegados regulares 499 (com base no número de Uniões e campos locais de cada Divisão) mais 23 (baseados no número de igrejas e campos ligados a Uniões), e ainda por 1149 delegados (baseados na proporção do número de membros do campo mundial, tal como o

actual regulamento prevê). O número total de delegados regulares será, por conseguinte, de 1671.

Quanto aos delegados de ofício, este número inclui os 368 membros do Conselho Executivo da Conferência Geral, mais 44 delegados (4 de cada Divisão), 28 delegados representando cada 200 000 membros) e ainda 528 delegados (25% de todos os outros delegados regulares ou de ofício). O total de delegados por ofício será de 968.

Estes números incluirão, como é óbvio, grande e variada representação de diferentes países e regiões. Segundo o coordenador do desfile missionário que terá lugar na abertura das reuniões, Carol Grady, entre outros estarão presentes dois Pigmeus que virão da Divisão África-Oceano Índico,

um coro cigano, que virá da América do Sul. Virá Philos Diu, o mais alto estudante Sudanês do Colégio do Médio Oriente, que mede 2,14 metros, Madeleine e Aimé Cosendai da Suíça, que passaram 49 anos nos Camarões, como missionários. Estará presente Fitz Henry, um engenheiro da Jamaica que ganhou centenas de pessoas através do seu evangelismo laico; um Filipino que paga a 13 pastores leigos para evangelizarem as tripulações dos barcos de pesca que ele possui; e também Tom Cristian, ainda descendente da *Bounty*, de Pitcairn.

No Estado de Indiana, a memória de Abraão Lincoln, o 16.º Presidente dos Estados Unidos é conservada através da preservação das quintas em que ele viveu de 1816 a 1830. Indiana foi também o Estado que enviou

para a Guerra da Secessão mais voluntários do que os próprios exércitos da União poderiam usar.

Indiana possui quintas e indústrias. A agricultura coloca o Estado em nono lugar em toda a nação americana. É o segundo na produção de milho, o terceiro na produção de trigo e hortelã pimenta, o quarto em feijão de soja e tomate.

A indústria principal são os metais, mas Indiana possui também uma das maiores refinarias de petróleo dos E.U. Maquinaria eléctrica e electrónica, e mobiliário de madeira são também importantes na economia do Estado.

Presentes na história deste Estado estão também os Adventistas do Sétimo Dia. Pensa-se que Joseph Bates foi o primeiro a visitá-lo numa viagem missionária, a pedido da Igreja, por volta de 1849. John N. Andrews, outro pioneiro da Igreja, esteve aqui algum tempo durante o ano de 1851. E entre as duas datas, também por aqui passou John N. Loughborough. Todavia, apenas alguns crentes isolados e antigos milleritas «pregaram» a nova mensagem do Sábado.

Durante o resto do século, há registo de pregação em mais de 300 lugares, um dos quais Indianópolis. Por outro lado, há notícias de que já em 1893, em Priam, alguns faziam preceder as suas reuniões por demonstrações culinárias. E em 1888, as reuniões de Rigdon trouxeram uma novidade: havia reuniões específicas para crianças, durante a tarde, com o objectivo de atrair os adultos às conferências da noite!

Efectivamente, a localização estratégica de Indianó-

polis levou os dirigentes da Igreja a empreenderem ali uma série de actividades. Em 1885 foi aberta uma sala de conferências, em 1887 foi constituída uma igreja, que se organizou formalmente em 1888. No ano seguinte a irmã White teve oportunidade de falar nessa igreja.

Aquela primeira geração de adventistas duplicava o seu número de membros cada dez anos — taxa de crescimento que não seria ultrapassada senão nos anos trinta deste século.

Durante a Depressão, os membros adventistas de Indianópolis puseram a funcionar uma cozinha económica. Há um registo do Dia de Acção de Graças (feriado americano) do ano de 1932, em que foram servidas 611 pessoas. A partir dali se organizaram variadíssimas acções evangelísticas: campanhas de evangelização, programas de rádio, classes de estudos bíblicos, Escolas Cristãs de Férias e acampamentos de jovens.

A primeira escola adventista do Estado de Indiana foi aberta em 1902. Era a Escola de Treino manual de Boggstown [Boggstown Manual Training Academy]. Em 1919 tornou-se necessário procurar um lugar mais central para esta instituição e foi escolhido um terreno de 95 acres, perto de Cícero.

A Academia de Indiana ocupa hoje um terreno de 450 acres e é apoiada por 17 escolas primárias. O internato abriga 30 estudantes em duas áreas separadas, com uma família do corpo docente.

A Conferência de Indiana tem 24 Clubes de Desbravadores, 18 Centros de Assistência à Comunidade, 35

obreiros ligados à saúde (médicos, dentistas, terapeutas e osteopatas), 5 membros da ADRA-Internacional e 5.605 membros de igreja prontos a «tratar dos negócios do Pai» e desejando que a Conferência Geral de 1990 seja para eles uma aventura

de fé e uma oportunidade de ganhar almas.

Eles e nós vos convidamos a tomar parte nas bênçãos da Conferência Geral de 1990.

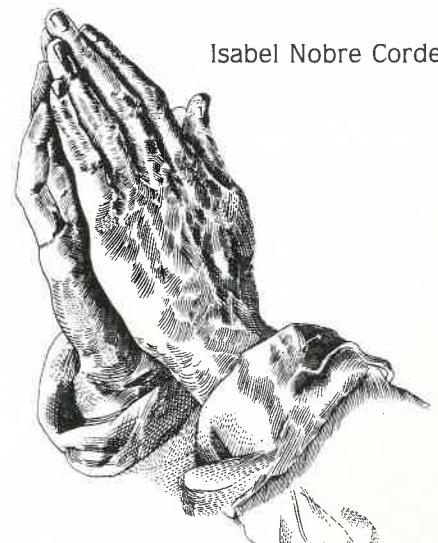
Departamento de Comunicações da Conferência Geral

Traços da Tua Mão

*Senhor, Tu os céus estendeste,
Lançaste os fundamentos da Terra.
Os mundos no espaço suspendeste,
E criaste o animal que berra.
A Terra de beleza encheste,
O mar converteste em firme Terra;
Senhor, o mar é Teu,
E a Ti meu coração se converteu.*

*Às flores do campo deste forma,
E de cânticos encheste o ar,
Tudo foi criado com norma,
Para eu, Tua obra apreciar.
O pecado, Tua obra perfeita disforma,
Mas ainda vimos no céu, terra e ar,
Os traços da Tua mão.
Aquela mão que nos estende perdão.*

Isabel Nobre Cordeiro



1.º Congresso Regional de Tições, Desbravadores e Companheiros — Algarve

Igreja de Faro, 10 de Fevereiro de 1990

Que bom! Que maravilha! Finalmente lembraram-se de nós!

Foi com estas exclamações de alegria que os jovens das igrejas de Faro, Portimão, Lagoa, Tavira e Vila Real acolheram este primeiro congresso regional. Mesmo os mais velhos foram contagiados por esta euforia juvenil que caracterizou o encontro daqueles que constituem o futuro da nossa Igreja.

Foi maravilhoso ver Tições, Desbravadores e Companheiros participarem activamente nos serviços da Escola Sabatina e do Culto, e sentir como, através do sermão do pastor José Carlos Costa, a pergunta: «Que farei então de Jesus, chamado Cristo?» (Mateus 27:22), tocou profundamente cada coração juvenil. Sim, é esse Jesus, chamado o Cristo, o verdadeiro Líder e conselheiro dos nossos jovens, e com esta certeza e consolação entrámos nas actividades da tarde de Sábado.

As igrejas de Portimão e Lagoa alegraram-nos com os seus cânticos e poesias, preenchendo assim a parte musical. Em seguida foi a vez da igreja de Vila Real

que, através do seu director de Desbravadores, mostrou como pode ser utilizada uma carta topográfica. Não ficando por aqui, o pastor José Carlos Costa sentiu a necessidade de agradecer a todos os que, pelo seu empenho e dedicação, tornaram possível este 1.º Congresso Regional Tições, Desbravadores e Companheiros — Algarve.

Para finalizar, os Jovens das igrejas de Portimão e Lagoa deram-nos algumas noções importantes de Primeiros Socorros, mais concretamente sobre como socorrer alguém, imaginem só, com uma fractura exposta! É claro que tudo não passou de uma simulação, apesar do desejo de alguns, de tornar esta parte do programa o mais real possível!

E o nosso Congresso estava mesmo a chegar ao fim. Então, após a oração de despedida pronunciada pelo Departamental de Jovens da União, todos ficaram um pouco tristes, mas com a esperança e o grande desejo de que, nestas terras Algarvias, encontros como este tenham lugar, para que jovens, tições, desbravadores e companheiros possam de uma forma especial, entregar e recon-sagrar as suas vidas a Jesus.



Gostaria, entretanto, de agradecer a todos aqueles que dirigiram, orientaram e animaram este Congresso; e como simples instrumentos nas mãos de Deus, para o avanço da Sua causa em prol da nossa e Sua juventude,

apenas podemos dizer: «Cantai Glória ao Seu nome, dai Glória em Seu Louvor» (Salmo. 66:2). — Paulo Renato F. Garrochinho, pastor das igrejas de Faro, Tavira e Vila Real.

Ermesinde: Uma Escola Sabatina dinâmica

A Escola Sabatina tem sido nos últimos anos o coração da nossa pequena igreja de Ermesinde. E agora que temos um novo lugar de culto — arejado, convidativo e funcional nesta fase de crescimento da igreja — a Escola Sabatina tem prosseguido a sua tarefa ainda com mais entusiasmo e dedicação. Nos últimos anos esteve a Escola Sabatina sob a batuta dos irmãos João Pereira e Maria da Glória e este ano sob a direcção da ir.ª Olívia Santos.

É um prazer ir à E. Sabatina em Ermesinde. Para além do pro-

grama habitual, existe sempre qualquer coisa que desperta a nossa curiosidade; sempre um novo motivo de interesse: uma criança que canta, uma pessoa que dá o seu testemunho, um grupo que vem de fora para nos apresentar algo de interessante, etc.

No dia 17 de Fevereiro decorreu o Dia do Visitante. A igreja registou uma autêntica enchente. Tivemos que ir buscar dois bancos e pô-los em posição lateral para sentar mais uma dezena de pessoas. E muitas mais estavam de pé. Estiveram bastantes pes-



soas que não são membros de igreja, mas também vimos vários jovens da igreja do Porto que vieram até nós cantar naquele dia. Todas as visitas receberam uma prenda que lhes foi oferecida pela directora da Escola Sabatina: um lindo vaso com uma planta singular. O Culto demorou tão somente uns 20 minutos, pois o tempo tinha sido tão preenchido — e bem preenchido por uma bela Escola Sabatina e por isso, no final, todos estavam contentes e os seus rostos irradiavam essa sincera alegria.

Agora a Escola Sabatina já fala de levar a efeito uma nova Es-

cola Cristã de Férias. No ano passado tivemos a satisfação de inscrever para cima de 50 crianças (e só uma era adventista...) na E. C. F. Foi, talvez, borbórinho a mais, mas valeu a pena, porque sentimos que prestámos um bom serviço à comunidade à volta da igreja. Pensamos que foi uma pequena sementeira que se produziu (por agora sem frutos ainda). E na próxima paragem escolar (chamadas férias da Páscoa) voltaremos, sob a égide da E. Sabatina, a realizar uma nova Escola Cristã de Férias. — *J. M. Matos*, pastor.



cinema, à música, ao sexo, às teorias científicas da evolução e muito outros temas; onde é necessário discernir a vontade de Deus e encontrar um equilíbrio — que Deus nos abençoe!

A verdade é que somos vacilantes e o peso do pecado esmagamos, mas foi por isso que Jesus veio libertar-nos por bom preço numa cruz. Aceitando esse madeiro, estamos de mãos dadas com o Pai. E, tal como um pai não larga os seus filhos por onde passa, Ele também não nos larga levemente. O caminho que percorremos com Ele é o da Santificação, os passos que damos

são curtos como os de criança, e o espírito traduz a humildade e serviço de Cristo. Assim, a salvação não é uma dúvida, mas uma certeza e as certezas não se alteram cada manhã.

Como orou um jovem na reunião de despedida: «Obrigado Senhor porque agora podemos voltar para casa e confirmar junto dos nossos pais e amigos que Jesus ainda está de braços abertos para nos receber.»

Que as impressões registadas nos corações destes jovens falem mais longe que recordações e palavras. — *Hélia Mateus*.

Encontro de Universitários (23-27 de Fevereiro), realizado em Monte Real, com a presença do Pr. Teófilo Ferreira

80 jovens em busca de Deus

Ser jovem é observar sem preconceitos, levantar críticas, identificar erros, denunciar hipocrisia, discernir sinceridade. Mas ser jovem é também, muitas vezes, ter horizontes restritos, não ver todas as consequências e perder-se no caminho.

Se é este o tempo mais difícil de se ser jovem, não o sei eu nem ninguém. Só se é jovem uma vez. Esta é porém uma idade especial onde se misturam receios, dúvidas, tentações, desejos, frustrações, certezas e alegrias. Graças a Deus se aprendemos a partilhá-las com Cristo!

Os temas abordados ao longo dos 5 dias percorreram inúmeros pontos doutrinários, conjugando-os e alargando a nossa compreensão. Não se tratou, porém, de um mero exercício teológico, pois à medida que avançávamos, iam-se resolvendo dúvidas, preenchendo respostas e dissipando a culpa e a incerteza.

A sabedoria de Deus, a aliança, o amor, a fé e o temor de Deus — os temas queridos do cristão. Os significados e importância da igreja, das festas, dos cultos, da Santa Ceia. Os conflitos num mundo onde existe outra lógica e não é linear para o jovem simplesmente dizer não ao



A JAP de Vila do Conde Canta no Centro Social de Ruilhe

Aproveitando um curto fim de semana, a Juventude Adventista de Vila do Conde levou a efeito um mini-retiro espiritual na aldeia de Ruilhe, Braga, para o qual contou com a ajuda do Sr. Faria da Eira, um velho amigo que nos facultou os anexos da sua propriedade para nos instalarmos.

Assim, logo depois do almoço, 16 jovens partiram em três viaturas com destino a Ruilhe, onde chegaram por volta das 15,30 h.

Lá fomos encontrar o Sr. Faria e os filhos ultimando os preparativos para nos alojar. Logo após nos instalarmos manifestámos ao Sr. Faria o desejo de visitar o Centro Social do Padre David Oliveira Martins, muito

conhecido nas redondezas e que alberga cerca de 150 meninas mais desprotegidas. Este contacto telefonicamente com aquele Centro, tendo-nos sido permitido visitá-lo.

Fomos recebidos pelo Sr. Padre Narciso, actual director, a quem deixámos revistas sobre o tabaco e droga, e ele deu indicações para que o Centro nos fosse mostrado. Em seguida, oferecemo-nos para apresentar ali um pequeno programa musical, que foi aceite e no dia seguinte, à hora marcada, todo o grupo para ali se encaminhou, a fim de poder partilhar a nossa alegria com todas as juvenzinhas ali presentes, as quais participaram muito alegre-



mente nos nossos cânticos, juntamente com as suas monitoras, que as orientaram na apresentação de alguns cânticos que, nós também, ouvimos com prazer. De realçar que no fim uma das monitoras veio-nos pedir cópia de uma das músicas apresentadas para que pudesse apresentá-la de futuro. No fim distribuímos a todos calendários da JAP de Vila do Conde, bem como desdobráveis, não só no Centro, mas também aos populares que contactámos no regresso.

Queremos aqui manifestar a nossa gratidão ao amigo Sr. Fa-

ria e a família por esta oportunidade e pela simpatia com que nos receberam, acolhendo-nos em sua casa e oferecendo-nos parte da alimentação, bem como o magnífico lanche com que fomos agraciados quando regressámos. Agradecemos também ao Sr. Padre Narciso a simpatia manifestada durante a conversa que com ele mantivemos, dando-lhe os parabéns pelo excelente trabalho que tem vindo a desenvolver naquele Centro que não pára de crescer. — *Juventude Adventista de Vila do Conde.*

Curso de Doutrina 89 em Oliveira do Douro: Ponto de Vista de um Açoreano.

Escrito logo após o Curso de Doutrina, este artigo não pôde ser incluído na altura. Reservámo-lo para o mês de Abril, na esperança de motivar outros a assistirem ao Curso de 1990.

Eram 16 horas quando o avião levantou vôo na Base das Lajes, Açores. Destino: Lisboa. Finalidade: Curso de Doutrina no Colégio de Oliveira do Douro. A esperança ia connosco. A emoção também. A nossa chegada ao Colégio foi de expectativa. Como será? Valerá a pena?

Quando entrei no edifício, e me foi distribuído o quarto 19, 2.º piso, sentei-me sobre a cama e olhei à minha volta com o espíri-

to cheio de curiosidade. Estava num quarto de estudantes, e tudo à minha volta me dizia que estava ali para aprender mais de Jesus. Um dos maiores sonhos da minha vida, que não se realizou, era ser Pastor na obra do Senhor... tudo ao meu redor me fazia lembrar o pensamento do Poeta: «Tenho saudades do tempo que não vivi...».

Quando entrei na aula todas as caras eram novas para mim, embora com o coração batendo no «mesmo compasso», pois como escreveu E. White «Somos todos membros de uma só família» (*Test.*, vol. 3, p. 357), vivendo apesar de tudo longe uns dos outros por necessidades da nossa

existência e subsistência. O monitor nesse momento era-me familiar: Pastor Manuel Cordeiro, a cuja consagração ao Ministério assistimos em Luanda, em 1973. Aulas interessantíssimas, diálogos permanentes entre alunos e monitores. Os pastores Ezequiel Quintino e Manuel Cordeiro foram excelentes, «fiéis no trabalho, manifestando um temperamento paciente» (*Ibid.*, vol. 2, p. 415).

Ao findar as aulas lá fomos almoçar: alimentação sadia, ovo-lacto-vegetariana. Lembrei-me do conselho da Senhora White quando escreveu: «Aos nossos alunos não se deve servir carne nem outros alimentos anti-higiênicos» (*Ibid.*, vol. 3, p. 357). Refeitório asseado, camaradagem cristã, até me senti a melhorar da minha gastroduodenite...

Às 20 horas, culto vespertino, apresentado quase sempre por um dos alunos. Às 22h30, encerramento das actividades e recolhimento. Tempo para no nosso aposento, a sós com o Criador, orarmos para que o Espírito não nos abandone, pois para quem iremos nós? Nestes momentos de isolamento sentimos mais a presença de Jesus. Um encontro a dois.

Às 7 da manhã estava-me reservada talvez uma das mais interessantes experiências neste curso: as meditações matinais e cânticos no pinhal do Colégio,

orientados pelo pastor Manuel Cordeiro. Após o pequeno almoço tínhamos o culto matinal. Seguiam-se as aulas, que terminavam às 12h50.

A tarde era dedicada a meditar nos assuntos tratados nas aulas, a par de passeios pelas redondezas. Aos Sábados pelas 16 horas havia testemunhos dados pelos alunos. O fervor e a fé vinham ao de cima de forma enternecedora. Para finalizar, tivemos uma Santa-Ceia inolvidável. Foi bonito de ver e sentir o testemunho de cada um. A presença de Jesus fazia-se sentir. Na terça-feira foi a entrega dos Diplomas e partida de cada um, de volta aos seus lares. Tivemos de «descer do monte». A lágrima no canto do olho que por vezes aqui e ali aparecia. A troca de endereços, os abraços e um desejo: voltar para o ano.

Sabem, eu já tinha lido nesta mesma Revista palavras idênticas, e quando as lia eram para mim algo de distante. Desta vez senti esta experiência na carne e no espírito. Foi extremamente positivo. Agradecemos ao Pastor Quintino a maneira como conduziu as suas aulas. Agradecemos ao Pastor Cordeiro e esposa a maneira como viveram dia a dia, quer nas aulas quer no Colégio, com os alunos.

Esta «memória» tem por finalidade inspirar os meus irmãos açoreanos e outros, a irem até ao



Colégio de O. Douro. Há necessidade deste convívio, não só por uma questão teológica, mas também por uma questão espiritual. Nós, açoreanos, que vivemos isolados dos grandes centros, só ganhamos em «deitar a cabeça à ja-

nela para ver o que se passa lá fora». Fazemos planos para estar para o ano em O. do Douro. Como diz o hino? «Vais tu?» — *Carlos Baptista Ávila*, igreja de Angra do Heroísmo, Açores.



da parte da União e da Voz da Esperança, do Pastor Nunes, abrihantaram esta alegre confraternização cristã.

Durante 4 anos a mensagem tem sido divulgada através das ondas hertzianas e os ouvintes falam assim do programa:

*Senhor, ajuda-me a confiar
Aonde não há confiança*

*Fé, aonde haja dúvida
Amor, no «Nascente de Esperança»*
(Maria de Lurdes - 29 anos,
de Monção)

Que todos unidos possamos trabalhar na seara do Senhor. — *Álvaro Bastos*, colportor-evangelista.

Valença do Minho — O Programa de Rádio «Nascente de Esperança» festejou o seu 4.º Aniversário

Pastor Alberto Nunes acariçou este acontecimento.

No passado dia 27 de Fevereiro, em Valença do Minho, num restaurante no parque natural junto ao Rio Minho o Programa Radifónico Nascente de Esperança que semanalmente é produzi-

do e realizado pelo signatário festejou o seu 4.º Aniversário.

A presença dos «eleitos do ano de 1989», destaque para o Prof. David Pratas, assinante da «Saúde e Lar» de longa data, do Ir. José Augusto, de Canelas, que tocou e cantou ao vivo lindos hinos sobre a volta de Jesus e a vinda

Reunião da Comissão de Estudo sobre a Consagração de Senhoras ao Ministério Pastoral da Igreja Adventista

J. MAGER

A Quando da assembleia plenária da Conferência Geral de Nova Orleães, em 1985, os delegados decidiram que uma comissão composta por representantes de todas as Divisões estudasse e elaborasse propostas sobre a possível consagração de senhoras ao ministério pastoral na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A Comissão (composta por 60 homens e 20 mulheres) reuniu-se pela primeira vez em Washington, D. C. em Março

de 1988. A sua segunda reunião, também nos Estados Unidos, teve lugar em Cohutta Springs, de 12 a 18 de Julho de 1989. A Divisão Euro-Africana esteve representada por Margarete Prange, obreira da Alemanha Ocidental, Richard Lehmann, da Faculdade Adventista de Teologia de França, bem como por Edwin Ludescher e Johannes Mager, da Divisão.

No decurso de uma primeira fase, dita preparatória, pessoas

profissionalmente qualificadas foram encarregadas de estudar profundamente certos domínios estreitamente ligados à consagração e função da mulher. Foram preparados quase trinta documentos de carácter bíblico e teológico, que foram apresentados à Comissão. Cada um dos seus membros foi encarregado de os examinar com cuidado e de familiarizar-se com o conjunto da matéria.

Alguns destes trabalhos são de natureza exegética. Submetem a exame profundo as passagens das Escrituras que contêm declarações relativas à situação da mulher. Outros tratam de questões teológicas, tais como a significação do sacerdócio universal dos crentes e dos dons espirituais, a natureza da consagração, a estrutura e os deveres da igreja. Outros trabalhos permitiram-nos ainda examinar as tomadas de posição de diversas igreja e denominações

em relação a esta mesma questão, e reflectir sobre as experiências feitas por aquelas que, efectivamente, já consagraram senhoras ao ministério. As declarações de Ellen White sobre o papel da mulher na Igreja foram igualmente objecto de exame.

Cada um dos membros da comissão teve ocasião de formular os seus comentários sobre os diferentes estudos e expressar a sua convicção pessoal sobre o assunto. O resultado foi uma troca de ideias extremamente viva, quase um debate aberto, a favor ou contra a consagração de senhoras ao ministério. Mas, a despeito de pontos de vista opostos, os delegados manifestaram constantemente o maior respeito, e mostraram-se compreensivos e cheios de amor uns pelos outros. Pode dizer-se que no encontro de Cohutta Springs apesar das divergências que se manifestaram nos factos, a uni-

dade no Espírito Santo não cessou de reinar.

Da discussão formaram-se duas posições, ambas igualmente confirmadas por textos bíblicos:

O grupo que rejeitava a ideia da consagração de senhoras apoiava-se em declarações bíblicas precisas, as quais salientam uma certa preponderância da função masculina — por exemplo, quando é dito que o homem foi criado primeiro, ou que ele é a cabeça da mulher e da família. Há a acrescentar o facto de que no Velho Testamento somente os homens podiam exercer o sacerdócio. O próprio Jesus não convidou senão homens a fazer parte dos Doze, e a Igreja primitiva apenas fez apelo a elementos do sexo masculino para ocuparem posições de dirigentes no seu seio. Esta ordem de coisas, que se encontra tanto no Velho como no Novo Testamento, e que é confirmada por várias declarações bíblicas, atravessa toda a Escritura como uma linha condutora, independentemente das condições naturais. Isso não implica que a mulher tenha menos valor do que o homem — têm tanto valor um como o outro — mas que a função atribuída a este é diferente da função da mulher. Na base do que acabamos de dizer, este primeiro grupo de participantes chegou à conclusão de que a consagração de senhoras não estava conforme com a vontade divina e que por consequência, a mesma não era bíblica.

Os partidários da segunda posição teológica apresentaram os seguintes argumentos:

Nos tempos neo-apostólicos, homens e mulheres são baptizados — enquanto que no Velho Testamento apenas existe a circuncisão para os homens. O baptismo faz, por conseguinte, representantes dos dois sexos, membros a parte inteira do corpo de Cristo. Tanto uns como outros receberam do mesmo modo o Espírito Santo, que lhes atribui os Seus dons segundo o Seu beneplácito — incluindo aqueles que qualificam para o

ministério pastoral. Ora, muitas são, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, as mulheres que possuem os dons necessários ao exercício de todos os aspectos deste ministério. Em Jesus Cristo, o serviço sacerdotal do Antigo Testamento e suas prescrições são abolidos. Cada membro de Igreja, sem distinção de raça ou de sexo, participa deste sacerdócio universal e todas as declarações bíblicas a respeito da função e da posição da mulher devem ser considerados à luz da salvação em Jesus. Por conseguinte, é possível consagrar senhoras ao santo ministério e impôr-se-lhes as mãos.

Estas duas posições foram debatidas em Cohutta Springs, sem que se chegasse a um consenso.

O que foi particularmente conclusivo foi a discussão sobre o significado próprio da palavra consagração. Foi feita a observação, e com justa razão, de que este termo não figurava no Novo Testamento, onde apenas se trata de imposição das mãos. Esta imposição é praticada em favor de certas pessoas, que a sua vocação e os seus dons espirituais designam para tal distinção. A igreja confirma-as assim nas suas funções. Mas a imposição das mãos não divide a assembleia dos crentes em dois grupos distintos: leigos e eclesiásticos (membros do clero). Para os católicos, pelo contrário, a consagração é um sacramento que destina o padre a uma vocação mais elevada que os leigos: trata-se, nesse caso, de um lamentável desvio da prática bíblica, desvio do qual não eliminámos ainda totalmente os efeitos na nossa própria prática de consagração. O Presidente da Conferência Geral, irmão Neal C. Wilson, fez notar, a este respeito, que nós tínhamos necessidade, como denominação, de rever a nossa compreensão da consagração e a nossa maneira de praticá-la.

Várias vezes, no decurso do encontro, foi proposto, para resolver o problema, deixar a cada Divisão o cuidado de decidir se desejava ou não introdu-

zir a consagração de senhoras ao ministério pastoral nos seus territórios, ou se preferia abster-se. Foi lembrado, a este respeito, que uma tal medida não entraria em conflito com nenhum dos 27 pontos fundamentais de doutrina, comuns à denominação em todo o mundo. Todavia, as Divisões, na sua maioria, não apoiaram esta sugestão: acham que seguir procedimentos diferentes nas diversas partes do campo mundial, quando se trata de problemas tão importantes como este, poderia ter consequências graves para a unidade da nossa Igreja.

A Comissão acabou por receber o encargo de elaborar uma proposta a ser discutida por ocasião da Sessão de Outono da Conferência Geral e a ser apresentada à sua sessão plenária em Indianópolis, neste ano de 1990. Após longos debates (Acts 15:7), foi redigido um documento do qual apresentamos a seguir os pontos essenciais:

«1. Embora a Comissão não tenha chegado a acordo sobre o facto de determinar se as Sagradas Escrituras e os escritos de Ellen G. White são favoráveis à consagração de senhoras ao ministério pastoral, ou se se lhe opõem, os seus membros concluíram, por unanimidade, que estas mesmas fontes reconhecem a existência de um ministério feminino significativo, extenso e contínuo — ministério que tem expressão no nosso meio e que dá os seus frutos através dos dons variados e numerosos que o Espírito Santo dispensa.

2. A dita Comissão apresentou ao Conselho da Conferência Geral, a seguinte recomendação:

A. Dada a falta de apoio generalizado constatado na nossa Igreja a respeito da consagração de senhoras ao ministério evangélico, e tendo em conta os riscos de desunião, de dissensões e desvios da sua missão que a denominação correria se adoptasse uma tal prática, nós não apoiamos a introdução da consagração de senhoras nas nos-

sas práticas eclesiásticas.

Por outro lado,

B. Aqueles e aquelas

(1) que tiverem concluído uma formação pastoral reconhecida; e

(2) que foram chamados por uma União ou Associação a exercer o cargo de pastor-evangelista a tempo inteiro; e

(3) que foram eleitos e consagrados anciãos por uma igreja local; e

(4) que foram reconhecidos como assistentes pastorais ou como pregadores autorizados, podem preencher as funções de um ministro do Evangelho consagrado nas igrejas que forem confiadas à sua responsabilidade — isso com a aprovação prévia da Divisão da qual dependem.»

Em relação ao que acabamos de dizer, lembramos que por ocasião da sessão Outono de 1984 da Conferência Geral, os delegados votaram deixar a cada Divisão do campo mundial a liberdade de decidir se deseja eleger senhoras para cargos de anciãos de igrejas e consagrá-las para este ministério.

Na qualidade de membro da Comissão de Cohutta Springs e participante nos dois encontros mencionados, eis o que nestas diferentes reuniões me impressionou particularmente:

1. A liberdade e abertura de espírito que presidiram à troca de ideias.

2. O facto de por ocasião dos debates nunca ter havido ataques de ordem pessoal por parte dos que tinham opiniões contrárias.

3. A preocupação de justiça e amor manifestada por todos — preocupação graças à qual não surgiu qualquer tensão entre os participantes, a despeito de pontos de vista divergentes.

4. A reunião de oração que teve lugar no fim e que reuniu dois a dois apoiantes de soluções diferentes para esta questão da consagração de senhoras ao ministério pastoral.